

Autoetnografia: uma alternativa conceitual

Daniela Beccaccia Versiani*

Resumo: Neste trabalho discuto a possível fundamentação do conceito de "autoetnografia" como alternativa útil a pesquisadores da cultura preocupados em enfatizar, na aproximação de algumas formas de escrita de construção de *selves*, o caráter processual e intersubjetivo destas construções discursivas com o propósito de evitar estratégias de leitura essencializadoras e cristalizadoras de subjetividades e identidades.

Abstract: With an eye to avoiding essentializing readings of subjectivity and identity, this chapter discusses the possible bases for "autoethnography" as an alternative for researchers of culture concerned with the intersubjective process through which subjectivity is written into autoconstructive texts.

*Para Heidrun Krieger Olinto,
Marília Rothier Cardoso e Valter Sinder.*

Partindo do pressuposto de que o discurso literário subjetivizante se pauta em matizes autobiográficas e memorialísticas, urge perguntar se o modelo tradicional de autobiografia cunhado no século XVIII iluminista ainda será eficaz para conferir visibilidade a sujeitos históricos (não essencializados) que compartilham heranças socioculturais em constante circulação. Podemos perceber que, face à mobilidade e complexidade de sujeitos inseridos em contextos multiculturais, o teórico/crítico literário contemporâneo interessado em discursos de construção de *selves* deverá problematizar o modelo tradicional de autobiografias. Tal modelo, sustentado na crença da plena "representação" de subjetividades, cristalizava discursivamente o Sujeito unívoco e estável.

* Este ensaio reflete algumas indagações que posteriormente desenvolvi na tese de doutorado "Autoetnografias. Conceitos alternativos em construção", orientada pela Profª Drª Heidrun Krieger Olinto e defendida em 12 de abril de 2002 no Departamento de Letras da PUC-Rio.

A busca por estratégias alternativas de leitura de textos de construção de *selves* se torna mais urgente na medida em que se amplia o interesse teórico/crítico em atribuir ao discurso autobiográfico um valor político na visibilidade de subjetividades de alguma forma associadas a grupos minoritários. Nesse sentido, ao tentar resgatar nos discursos de matizes autobiográficas a construção de subjetividades *marginais* (distintas do sujeito hegemônico branco, masculino e europeu, que se sobrepôs ao próprio conceito de Sujeito), teóricos e críticos literários evitariam as antigas estratégias de leitura que, afinal, construíram a noção de Sujeito unívoco e estável que ora pretendem desconstruir. Essa tarefa parecer demandar a elaboração de estratégias de leitura de discursos de construção de *selves* que, ao invés de estabelecer novas hegemonias, procurem se ancorar em alternativas conceituais que visibilizem uma noção alternativa de subjetividade, que já se percebe como complexa e processual, em contínua interação com outras subjetividades em contextos específicos.

Pesquisando subjetividades contemporâneas, pude notar uma interessante aproximação de perspectivas atuais nos campos da Teoria Literária e da Antropologia em relação a processos de construção de autobiografias e etnografias. A teórica da literatura Julia Watson e o historiador da antropologia James Clifford, embora pertencendo a campos de conhecimento considerados distintos, fazem uma crítica radical à noção de subjetividade estável, essencializada e metafísica. Seu empenho teórico está em enfatizar alternativas discursivas nas quais a subjetividade é compreendida como construção dialógica em processos interpessoais que ocorrem em contextos multiculturais.

No campo dos estudos de literatura, a busca por novas estratégias de leitura para discursos de construção de *selves* é consensual entre os teóricos e críticos literários que atribuem a tais discursos determinada importância na conquista de visibilidade de sujeitos ligados a grupos minoritários. Contudo, alguns deles levam suas reflexões adiante, preocupando-se em não repetir os processos mentais de construção das antigas hegemonias. Essa perspectiva se verifica, por exemplo, nas reflexões de Watson. No ensaio *Toward an anti-metaphysics of autobiography*, a autora propõe a ruptura da concepção de sujeito metafísico, unívoco e estável, intrínseca ao modelo iluminista de autobiografia, cunhado no século XVIII.

Partindo do pressuposto de que discursos que exprimem novas subjetividades continuam sendo aqueles de matizes autobiográficas e memorialistas – discursos de construção de *selves* –, Watson busca ultrapassar a crítica ao modelo tradicional de autobiografia que construiu o Sujeito Metafísico, estabelecendo um modelo alternativo de autobiografia que possa dar conta de uma outra subjetividade, construída de modo dialógico (Watson, p. 62).

Julia Watson propõe uma mudança de paradigma na construção de modelos de autobiografias, sugerindo o abalo do sujeito metafísico e unívoco, da identidade estável e do propósito de se reproduzir a “verdade dos fatos” e da “vida” de uma grande personalidade (p. 58). Para tanto, elabora uma estratégia de leitura que enfatiza os aspectos dialógicos da construção discursiva dessas autobiografias, por ela consideradas alternativas. Essa mudança, no meu entender, depende dos pressupostos político-teóricos valorizados pelo crítico-leitor, um aspecto até certo ponto reconhecido pela própria Julia Watson:

The critical tradition of reading autobiography as the locus of monumental Western selfhood may be destabilized if we read the alter egos of its canonical texts, those equally canonical autobiographies that are too problematic to be inserted easily into the genre as models but that enjoy the status of “great books” despite their resistance to generic norms. As troublingly self-reflexive narratives, the autobiographical writings of Montaigne, De Quincey, and Rilke can be read as transgressive boundary texts that disrupt the genre’s bios-biased self-definition and reveal the shifting instability inscribed within the representation of any Western self, including their own. The disruption of that self-definition will afford us the opportunity to look at one “other” of the autobiographical tradition, namely women’s autobiographies, and to examine current claims that they offer an alternative mode in which bios is reinterpreted and the monument to stable selfhood is seen in the light of alterity and dialogue” (Watson, p. 61; grifos meus).¹

¹ “A tradição crítica de ler a autobiografia como o locus da monumental subjetividade Ocidental pode ser desestabilizada se lermos os alter-egos de seus textos canônicos, aquelas autobiografias igualmente canônicas que são por demais problemáticas para serem inseridas com facilidade dentro do gênero como modelos, mas que desfrutam do status de ‘grandes livros’ apesar de sua resistência às regras desse gênero. Como incômodas narrativas de auto-reflexão, os escritos autobiográficos de Montaigne, De Quincey e Rilke podem ser lidos como textos transgressores de fronteiras, que rompem a definição de self centrada sobre a bio do gênero e revelam a cambiante instabilidade inscrita no interior de qualquer self Ocidental, incluindo o deles próprios. A ruptura daquela definição nos dará a oportunidade de olhar para um ‘outro’ da tradição autobiográfica, ou seja, as autobiografias de mulheres, e de examinar as atuais afirmativas de que elas oferecem um caminho alternativo no qual a bios é reinterpretada e o monumento para estabilizar a subjetividade é visto à luz da alteridade e do diálogo” (Watson, 1993, p. 61; grifos meus).

Assim, no lugar do sujeito metafísico, unívoco e estável pressuposto nas autobiografias escritas à la Rousseau (p. 69), Watson trabalha com uma noção de sujeito histórico construído de modo dialógico a partir das relações que estabelece com outras subjetividades. Para ela, essa perspectiva não é apenas possível, mas efetivamente desejável, considerando que aquele Sujeito Metafísico – que é afinal o homem ocidental, branco e europeu (p. 58) – foi construído pelo apagamento de toda e qualquer subjetividade estranha à sua.

É a partir desses pressupostos que Watson propõe a leitura de escritas autobiográficas, alternativas discursivas de construção de subjetividades antimetafísicas. Desse modo ela conduz as análises de textos autobiográficos de Montaigne, De Quincey e Rilke,² que “revelam a escorregadia instabilidade inscrita na representação de qualquer *self* ocidental, inclusive o deles próprios” (p. 61).

Ao longo de sua argumentação, Watson mostra que, através de estratégias narrativas tais como o uso da metáfora, a não linearidade temporal, construções em abismo, espelhamento, escrita em labirinto, colagem, fragmento etc. (p. 65-66), Montaigne, De Quincey e Rilke “articulam estruturas de auto-reflexão” que acabam por abalar, pelo constante confronto com “seu irredutível outro”, o eu coerente e estável do Sujeito metafísico e a representação de uma suposta “verdade” sobre suas vidas (p. 62).

Segundo a teórica, esses recursos discursivos resultam em um tipo de escrita construída a partir de uma “subjetividade dialógica” que, enfatizando a presença do Outro na escrita do Eu, acaba por incluir no discurso autobiográfico, através da memória e das condições históricas em que se deu o processo de subjetivação, as vozes de outros *selves*. A auto-referência fragmentária e dialógica permite que outras vozes culturais perpassem sua escrita. Assim, Montaigne, De Quincey e Rilke podem ser considerados criadores de um modelo alternativo de autobiografia que desafia a noção de subjetividade coerente e estável característica de autobiografias concebidas segundo as tradicionais regras do gênero (p. 62-67).

Se o modelo de autobiografia cunhado no século XVIII servira para construir de forma discursiva aquele sujeito unívoco, autobiografias que adotem estratégias discursivas alternativas ao modelo

² Os textos em questão são *Essais*, de Montaigne, *Confessions of an English Opium Eater*, de De Quincey e *The Notebooks of Malte Laurids Brigge*, de Rilke.

tradicional construiriam discursivamente identidades multifacetadas e subjetividades plurais. Nesse sentido, nos modelos alternativos de autobiografias apontados por Watson, a escrita autobiográfica torna-se reveladora das diferentes vozes culturais interiorizadas pelo *self* ao longo de sua trajetória pessoal e advindas das relações por ele estabelecidas com outros *selves* em contextos específicos. Isto também ocorre nas autobiografias de mulheres que, por meio de uma escrita que aponta constantemente para a relação do *self* com outros *selves* (em uma perspectiva dialógica), acabam por construir discursivamente uma concepção de subjetividade não-metafísica’ (p. 61). Em suma, Watson parte de uma concepção de subjetividade *histórica*, que se constrói pela constante interação e diálogo’ com outras subjetividades. Esse processo intersubjetivo e contextualizado revela-se no próprio processo da escrita.

Quanto aos estudos literários do gênero autobiográfico, Watson chama a atenção para o fato de que os poucos teóricos que se dedicam a trabalhar com textos autobiográficos de minorias o costumam fazer ainda a partir da perspectiva de um sujeito metafísico, buscando, por exemplo, construir *exemplary figures for women* [figuras exemplares para mulheres] (p. 60). Ou seja, embora questionem a perspectiva da “representação da vida (*bios*)”, esses teóricos mantêm a intenção de conferir *status* a vidas em particular. Nesse sentido, respondem à necessidade política de conferir visibilidade a essas subjetividades, sem questionar o sujeito metafísico, ao qual aderem (p. 61).

Seguindo o raciocínio da teórica, eu diria que tais teóricos adotam estratégias de leitura preocupadas em enfatizar a função política dos discursos autobiográficos, que contribuem para tornar visíveis outras subjetividades que não aquela do homem ocidental, branco e europeu, mas sem, no entanto, questionar os pressupostos subjacentes à *noção de sujeito* construída através desse discurso. Assim, tais subjetividades ainda procurariam a auto-representação política a partir dos paradigmas de autoconstrução discursiva do Mesmo.

No referido ensaio, Watson destaca as posições de algumas teóricas contemporâneas preocupadas em enfatizar a perspectiva

³ Contudo, em absoluto eu afirmaria que esta segunda estratégia de escrita e de leitura seja adotada exclusivamente por mulheres, já que pode ser associada a qualquer subjetividade – independente de gênero – não dominante e, principalmente, não autoritária.

⁴ Embora neste ensaio não se refira Mikhail Bakhtin em nenhum momento, os débitos de Julia Watson para com o teórico russo podem ser verificados em Sidonie Smith, e Julia Watson (*Women, autobiography, theory. A reader*. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1998).

relacional e o papel da alteridade na construção do *self* em autobiografias de mulheres. É esse aspecto que Julia Watson aponta no pensamento de Mary G. Mason:

Mason argues that *women writers delineate identity relationally, through connection to significant others, that "the self-discovery of female identity seems to acknowledge the real presence and recognition of another consciousness, and the disclosure of female self is linked to the identification of some "other". [...] Mason positions this alterity in contrast to the self-dramatizing ego of the white male autobiographer à la Rousseau, who, Mason argues, sees others as a kind of backdrop or screen for his solitary performances, and not as relational possibilities in a dialogue. By positing other voices as aspects of the relational autobiographical "I", Mason destabilizes claims for the separateness of lives implied by the concept of individuality, and therefore questions the authority of bios itself (p. 69; grifo meu).*⁵

Aproximando-se da perspectiva de Mary G. Mason, Julia Watson destaca, na leitura de *Patterns of childhood*, da socialista alemã Christa Wolf, uma narrativa autobiográfica contemporânea que, a seu ver, constrói a subjetividade de modo transpessoal, com ênfase sobre a constante relação que se estabelece entre *memória pessoal e memória coletiva*, um tipo de escrita que acaba por construir uma subjetividade historicizada e contextualizada:

Wolf's reflection on the historical and transpersonal character of subjectivity revises the metaphysical self of autobiography, question the authenticity of bios, and proposes a dialectical inquiry between culture and self (p. 73).⁶

Além disso, segundo Watson, ao insistir em localizar a subjetividade, conectando-a a coordenadas históricas, Christa Wolf também abala a noção de que a autobiografia se remete exclusivamente à questão do privado, ampliando as possibilidades do gênero e reinscrevendo-o enquanto "gênero coletivo":

⁵ "Mason argumenta que mulheres escritoras definem a identidade de modo relacional, através da conexão com outros significantes, que a autodescoberta da identidade feminina parece admitir a real presença e o reconhecimento de outra consciência, e que a revelação do *self* feminino está ligada à identificação de algum 'outro'. [...] Mason situa esta alteridade em contraste com o ego autodramatizado do autobiógrafo branco e masculino à la Rousseau, o qual, afirma Mason, vê os outros como uma espécie de pano de fundo ou tela para suas performances solitárias, e não como possibilidades relacionais em diálogo. Ao situar outras vozes como aspectos do "Eu" autobiográfico relacional, Mason desestabiliza a afirmativa, implícita no conceito de individualidade, sobre a separação das vidas e, conseqüentemente, questiona a autoridade da própria bios" (p. 69; grifo meu).

⁶ "As reflexões de Wolf sobre o caráter histórico e transpessoal da subjetividade trazem uma revisão do *self* metafísico da autobiografia, questionam a autenticidade da bios, e propõem uma investigação dialética entre cultura e *self*" (p. 73).

Insisting on locating subjectivity at a nexus of historical coordinates, Wolf signals a resistance to autobiography's authorization of private, bios-oriented subjectivity and reinscribes it as a collective genre (p. 75).⁷

Por fim, ao utilizar o recurso retórico de empregar diferentes pessoas do discurso para se referir a diferentes momentos de sua trajetória pessoal e a seus múltiplos *selves* – primeira pessoa para se referir à infância, segunda pessoa para se referir à criança que pertencera à Juventude Hitleriana e, por fim, a objetividade de um Eu distanciado tornado possível pelo uso da terceira pessoa – o narrador de Christa Wolf abala definitivamente o estatuto do Eu coerente do gênero autobiográfico em sua concepção canônica:

In remembering, the narrator discovers herself objectifying her younger self and adopting a variety of defensive postures toward this other. This emphasis on the otherness of the other, particularly when it is her recent self, suggests Wolf's resistance to the fiction of coherent selfhood and biographical continuity that has long been considered central to Western autobiography (p. 76).⁸

As reflexões de Julia Watson sugerem que, enquanto teóricos tradicionais – ou conservadores – privilegiariam autobiografias construídas de modo monológico, outros estariam preocupados em criar estratégias de leitura de visibilidade para outros tipos de subjetividade (que não o modelo dominante de homem branco e europeu), privilegiando a produção autobiográfica dialógica.

Contudo, a partir de uma perspectiva construtivista,⁹ que subscrevo, a percepção quanto ao grau de monologismo ou dialogismo de um texto é estabelecida pelo próprio teórico ou crítico, a partir da ênfase sobre os elementos que considera produtivos para este propósito. Isso nos leva a reconhecer as escolhas de sustentação de estratégias de leitura como *políticas de leitura*.

⁷ "Ao insistir em localizar a subjetividade, conectando-a a coordenadas históricas, Wolf sinaliza uma resistência à subjetividade orientada sobre a bios e à autoridade da autobiografia sobre o privado, reinscrevendo-a como um gênero coletivo" (p. 75).

⁸ "Ao rememorar, a narradora descobre-se objetivando seu self mais jovem e adotando uma variedade de posições defensivas em relação a este outro. Esta ênfase sobre a alteridade do outro, particularmente quando se trata de um recente self da escritora, sugere a resistência de Wolf à ficção da subjetividade coerente e à continuidade autobiográfica, que foram durante tanto tempo consideradas centrais à autobiografia Ocidental" (76).

⁹ Ver principalmente SCHMIDT, Siegfried, "Sobre a escrita de histórias da literatura. Observações de um ponto de vista construtivista". In: OLINTO, Heidrun Krieger (org.), *Histórias de literatura*. São Paulo: Ática, 1996; e SCHMIDT, Siegfried, "Do texto ao sistema literário. Esboço de uma ciência da literatura empírica construtivista". In: OLINTO, Heidrun Krieger (org.), *Ciência da literatura empírica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

Desta forma, se o ensaio de Julia Watson aponta para uma mudança de paradigma na construção de autobiografias condizente com o abalo dos paradigmas do sujeito metafísico e unívoco e da identidade estável, eu acrescentaria que o início dessa mudança se dá no momento mesmo em que a própria Watson, teórica e mulher, constrói modelos alternativos de autobiografias que conferem visibilidade a outras subjetividades e possibilita outra percepção dos processos que as constituem. Ou seja, a mudança de paradigma é impulsionada pela alteração de consensos e interesses dos próprios críticos e teóricos literários, facilmente associada à chegada às academias e departamentos universitários (como centros produtores de conhecimento) de sujeitos que, de algum modo, se identificam com grupos minoritários. É nesse sentido que acredito que o movimento de subversão de modelos de escrita de construção de *selves* não pode se limitar apenas à constituição de novos objetos e à elaboração de estratégias de leitura correspondentes, nem apenas à defesa de uma diferente percepção dos processos de subjetivação, mas precisa também incluir um constante exercício auto-reflexivo através do qual o teórico e/ou crítico literário possa esclarecer sua própria posição em relação a seu objeto, seus métodos e pressupostos. Mesmo subscrevendo a importância de se abalar a noção de subjetividade metafísica, propondo em seu lugar estratégias de leitura de ênfase à noção de que subjetividades são construídas de modo dialógico, e partilhando com Watson da importância de constituirmos novos objetos e novas estratégias para sua leitura, não creio que este movimento seja suficiente em si. É necessário que a posição do próprio teórico ou crítico em relação a esses objetos seja explicitada com clareza.

Embora não considere suficientemente ampla a proposta de leitura dialógica feita por Watson, uma vez que, na constituição de novos objetos, a autora evita a discussão de seu próprio papel de pesquisadora face aos "modelos alternativos de construção de subjetividade não-metafísica", seu ensaio se abre em pelo menos duas interessantes perspectivas:

1) aponta para a adoção de uma noção de *self* complexo, subscrevendo processos dialógicos e interativos na construção de subjetividades, o que nos remete a questões relacionadas à própria complexidade, historicidade e singularidade dos *selves*;

2) o texto *percebido* como construção dialógica – como a autobiografia – ao tornar presentes outras subjetividades, torna-se texto coletivo, reunião de subjetividades em diálogo.

Por ora limitar-me-ei a discutir um possível caminho aberto pela segunda perspectiva, que nos remete a recentes reflexões sobre a construção do texto etnográfico no campo da Antropologia.

Em uma passagem de seu ensaio, Julia Watson afirma que considera *This bridge called my back*¹⁰ uma das mais importantes publicações dentro do gênero autobiográfico, por abalar definitivamente a concepção de vida (bios) ligada a uma individualidade exemplar, associando-a a uma condição coletiva:

Perhaps no work of women's autobiography has had more important implication for theorizing bios outside a metaphysical tradition than *This bridge called my back*, a collection of brief autobiographical writings in many genres by radical women of color in the United States. In a sense, *Bridge* enunciates all that dominant autobiography is not: creative and polemical, it redefines autobiography as the first-person utterances of women whose identities had been construed as contradictory and invisible within both mainstream theory and academic white women's writing. [...] The personal histories of ethnic prejudice narrated in *Bridge* collectivize and historicize first person statements in ways that bios, understood as individualized assertion of a life's significance, cannot admit (p. 71-72; grifos meus).¹¹

A idéia de coleção, de reunião de escritos autobiográficos como encontro de subjetividades que partilham uma identidade coletiva comum, presente nesta passagem do ensaio de Julia Watson, merece atenção porque, curiosamente, aproxima-se, sob certos aspectos, de uma tendência em recentes experiências textuais no campo da etnografia, notadamente no contexto americano. Essa tendência consiste na busca de novas formas de apresentação de textos etnográficos que respondam à tentativa de incluir diferentes vozes culturais em obras escritas em co-autoria entre etnógrafo e etnografados. Subjacente a essas experiências textuais há uma dis-

¹⁰ *This Bridge called my back* (ou *Esta puente, mi espalda*, na edição em língua espanhola) reúne escritos feministas de afroamericanas, indígenas, asiáticas e latinas e representa um marco para o feminismo terceiomundista nos EUA.

¹¹ "Talvez nenhuma outra antologia de autobiografias de mulheres tenha tido tão importantes implicações para a teorização da bios fora da tradição metafísica do que *This bridge called my back*, uma coleção de escritos autobiográficos curtos de diferentes tipos assinados por mulheres radicais não brancas dos Estados Unidos. Em certo sentido, *Bridge* enuncia tudo aquilo que a autobiografia dominante não é: criativa e polêmica, redefine a autobiografia como as declarações em primeira pessoa de mulheres cujas identidades foram construídas como contraditórias e invisíveis tanto no interior da teoria tradicional quanto dos escritos acadêmicos de mulheres brancas. [...] As histórias pessoais de preconceito étnico narradas em *Bridge* coletivizam e historicizam as afirmativas em primeira pessoa de um modo que a bios, compreendida como uma afirmativa individualizada sobre o significado da vida, não pode admitir" (p. 71-72; grifos meus).

cussão maior, de alcance epistemológico, associada à perspectiva de uma antropologia pós-moderna¹², iniciada nos anos oitenta com a publicação de *Writing culture. The poetics and politics of ethnography*, coletânea editada por James Clifford, professor do Programa de História da Consciência da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, e por George E. Marcus, professor do Departamento de Antropologia da Rice University, em Houston, Texas. O eixo desse debate, que vem se estendendo com interessantes desdobramentos e implicações para a disciplina, gira em torno das intrincadas relações entre o processo de construção de textos etnográficos e a produção de conhecimento sobre os "outros" a partir da crítica ao assim chamado "realismo etnográfico". Essa crítica se articula com a crítica literária pós-estruturalista ao realismo e à representação, e ainda com as teorias bakhtinianas sobre o dialogismo e o romance polifônico.

No ensaio "Sobre a autoridade etnográfica", à semelhança da questão levantada por Watson em relação à busca de um novo paradigma para a autobiografia, James Clifford enfatiza o empenho de alguns antropólogos contemporâneos em buscar alternativas ao modelo de etnografia cunhado por Malinowski em *Os argonautas do pacífico ocidental* (1922). Essa obra, tida como modelo de texto etnográfico condizente com os tradicionais preceitos da antropologia moderna, é fundamentada no paradoxo da ida a campo, na observação participante, nas inúmeras anotações no diário de campo, em toda uma experiência pessoal que, contudo, quando transposta para a redação da etnografia, deve adequar-se aos critérios do texto científico. A partir desse momento, a experiência pessoal do antropólogo é obliterada pelo uso do tempo presente e da terceira pessoa, impessoal e distanciada do objeto, de modo tal que "a realidade das situações discursivas e dos interlocutores individuais é filtrada" e "os aspectos dialógicos, situacionais, da interpretação etnográfica tendem a ser banidos do texto representativo final" (Clifford, 1998, p. 42). É a partir do questionamento desta metodologia que Clifford aponta para a necessidade de uma mudança de paradigma na produção de etnografias:

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma "outra" realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes

¹² A expressão "antropologia pós-moderna" não é empregada sem ressalvas entre esses antropólogos.

mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia [...]. Um modelo discursivo de prática etnográfica traz para o centro da cena a intersubjetividade de toda fala, juntamente com seu contexto performativo imediato (p. 43; grifo meu).

Dessa forma, a mudança de paradigma que Clifford aponta nas etnografias "pós-modernas" refere-se exatamente à não negação da experiência pessoal e, principalmente, à explicitação da intersubjetividade estabelecida entre etnógrafo e etnografado como pressuposto básico da construção da própria etnografia. Entre as experiências de escrita etnográficas coerentes com esta perspectiva dialógica e polifônica, Clifford aponta algumas tentativas – com seus erros e acertos – de elaboração de textos coletivos, assinados por etnógrafo e etnografados que, longe de pretender ser a representação de um Outro essencializado, buscam ser alegorias da própria relação que entre eles se estabelece, ou seja, como negociação de uma visão compartilhada da realidade (p. 45).

Assim, como alternativa à denominada etnografia realista, esses teóricos se voltam para experiências de escrita que têm por pressupostos a alegoria, o dialogismo e a polifonia, e que, ao incluir no texto etnográfico a voz do etnografado, desestabilizam a autoridade (no duplo sentido de autoridade e autoria) do etnógrafo em sua tarefa de representar o Outro, bem como um dos tradicionais pressupostos metodológicos da pesquisa de campo: a possibilidade de um real distanciamento do antropólogo em sua condição de sujeito produtor de conhecimento em relação ao seu objeto, isto é, o grupo estudado.

Ao abalar o tradicional modelo de etnografia, estas experiências textuais apontam para um novo papel a ser desempenhado pelo antropólogo que, destituído da autoridade de "representar o outro", passa a desempenhar função distinta do papel tradicional do antropólogo. Ou seja, ao invés de falar *sobre* o Outro, ou *pelo* Outro, o antropólogo passa a falar *com* o outro, através da elaboração etnográfica de uma escrita dialógica e/ou polifônica que busca ser uma "alegoria" do encontro entre subjetividades de diferentes culturas: a dos etnografados e a sua própria.

É através da aproximação entre estas reflexões teóricas sobre a construção de autobiografias e etnografias, e da implícita alteração do papel do teórico/ crítico literário e do antropólogo diante destas formas discursivas que acredito ser possível fundamen-

tar o conceito de *autoetnografia*,¹³ uma alternativa conceitual útil a pesquisadores da cultura preocupados em superar uma série de dicotomias predominantes na reflexão teórica dedicada tanto às autobiografias quanto às etnografias, aqui denominadas escritas de construção de *selves*: o Mesmo *versus* o Outro, subjetividade *versus* alteridade, individual *versus* coletivo, Sujeito *versus* Objeto etc.

Em primeiro lugar, o conceito de *autoetnografia* pode servir como ponto de partida para a leitura de textos autobiográficos reunidos sob uma identidade coletiva. A presença do prefixo *auto*, do grego *autós*, serve de alerta contra a supressão das diferenças intra-grupo, enfatizando as singularidades de cada sujeito/autor, enquanto o termo *etno* localiza, parcial e pontualmente, esses mesmos sujeitos em determinado grupo cultural. Nesse sentido, partindo-se da hipótese de que a *coletânea*, *obra coletiva* ou *coleção* são exemplos de produtos culturais onde ocorre um encontro de subjetividades, que promovem a ligação entre o subjetivo e o coletivo através de uma identificação *parcial* e *pontual* de sujeitos com uma identidade de grupo específica, esse produto cultural parece justificar-se como merecedor de uma análise mais aprofundada. Ênfase, contudo, que a identificação proposta deve ser *parcial* e *pontual* na singular trajetória de cada sujeito, ou seja, como ponto comum a diferentes subjetividades; caso contrário, estaríamos, de um lado, recalçando, com nossas leituras, as diferenças e singularidades intrínsecas a todo grupo identitário e que se constroem ao longo dos processos de subjetivação; e, de outro, reiterando pressupostos incompatíveis com uma visão complexa sobre identidades e subjetividades.

Em segundo lugar, o conceito de *autoetnografia* também parece produtivo para a leitura de escritas de sujeitos/autores que refletem sobre sua própria inserção social, histórica, identitária e, em especial no caso de subjetividades ligadas a grupos minoritários, também como um possível modo de conquistar visibilidade política. Assim, o conceito de *autoetnografia* parece bastante produtivo em leituras de obras coletivas ou em co-autoria, e também em formas mais tradicionais de escritas de autoconstrução de subjetividades, tais como autobiografias e memórias, mormente quando seus autores estão de alguma forma ligados a grupos minoritários.

¹³ Após elaborar este ensaio, descobri que esse termo já vem sendo utilizado há algum tempo por pesquisadores americanos de estudos literários e de antropologia. Analsei, em minha tese, os diferentes usos do termo na literatura e na antropologia, destacando o desconhecimento recíproco das reflexões entre pesquisadores das duas áreas.

Em terceiro lugar, as possibilidades abertas tanto por Watson quanto pelos antropólogos acima mencionados, na busca por modelos alternativos de autobiografias e etnografias – construídos não mais a partir do pressuposto do sujeito unívoco, estável e metafísico, ou da autoridade do etnógrafo e de seu distanciamento em relação ao seu “objeto de estudo”, mas sim a partir de uma noção de subjetividade construída de modo relacional, ou dialógica – também permitem pensar que textos de autoconstrução de subjetividades (coletâneas de autobiografias, as próprias autobiografias e memórias, cartas, e-mails etc.) podem ser lidos como textos com valor de etnografia e vice-versa, havendo entre as duas formas de escrita (auto e etno-grafias) aspectos intercambiáveis.

Em seu aspecto metateórico, a elaboração de um conceito como o de *autoetnografia* insere-se em uma reflexão maior que, atribuindo ao produtor de conhecimento a responsabilidade pela construção da própria episteme (Schmidt, 1996, p. 102), está empenhada em elaborar um instrumental teórico capaz de lidar com questões de subjetividade e identidade de modo a não reduzir sua complexidade às simplistas dicotomias *estrangeiro X autóctone*, *pertença X exclusão*, *identidade X diferença*, o Mesmo e o Outro (a grande e homogênea entidade que abarca toda e qualquer subjetividade diferente do modelo imposto pelo Mesmo). Como objetos – construções que refletem escolhas teórico-políticas do pesquisador – todos esses tipos de produções culturais surgem a partir da construção de um instrumental teórico que procura lidar com subjetividades e identidades de modo complexo e processual, enfatizando a importância do próprio pesquisador da cultura como participante ativo na construção de modos alternativos mais complexos de percepção dos processos de construção de *selves* e de conhecimento, bem como na percepção e construção de uma episteme multicultural.

Explico melhor: penso que estratégias de leitura centradas sobre modelos dicotômicos como os acima mencionados acabam por fixar-se sobre um momento pontual da trajetória de indivíduos isolados, enfatizando e perpetuando diferenças, dificultando a construção de uma visão mais complexa e dinâmica que permita perceber os *processos* que envolvem a construção de identidades, e impedindo, em última análise, a própria construção de uma visão não essencialista das subjetividades e identidades. Nesse sentido, o conceito de *autoetnografia*, mais do que refletir a “descoberta” de um objeto anterior e exterior ao pesquisador, surge como delimitação do objeto construído pelo pesquisador, preocupado em estabelecer estratégias de leitura das produções culturais que

tematizem processos de identificação e subjetivação⁴ coerentes com as alternativas conceituais ético-políticas de construção de uma episteme não dualista.

Como afirma Edgard de Assis Carvalho em *Estrangeiras imagens*, "implodir essas dualidades, o que implica romper o "Grande Paradigma do Ocidente", não vem sendo nada fácil" (p. 28). Ao criticar o sistema dicotômico de pensamento na elaboração de teorias e estratégias de leitura, quero ressaltar sua dimensão discriminatória, que se opõe aos pressupostos de multiplicidade, na tentativa de dar conta da diversidade e da particularidade, do singular e do coletivo.

A lógica dicotômica do pertencer *versus* não-pertencer, da identidade *versus* diferença, ou, como nas etnografias construídas a partir do modelo tradicional de etnografia, etnógrafo *versus* etnografado, sujeito *versus* objeto, o Mesmo *versus* o Outro, visualiza apenas o momento da diferença, não os processos intersubjetivos através dos quais ocorrem interações e identificações culturais. No entanto, se ao invés de focalizarmos *momentos pontuais* na trajetória de indivíduos procurarmos focalizar, em nossas estratégias de leitura, as *trajetórias* dos indivíduos e as sucessivas interações culturais que se estabelecem entre eles, talvez seja possível criar condições para a visualização de diferentes subjetividades, identidades e concepções de mundo, abrindo possibilidades de negociação entre elas.

Esse desafio requer do pesquisador da cultura contemporâneo o instrumental teórico que lhe permita abrir-se para as diferenças internas às identidades de grupo. Isso irá exigir uma revisão do conceito de identidade, dependendo de um olhar pousado, de um lado, sobre o sujeito em trânsito, móbil e singular, herdeiro de culturas específicas, interagindo com diferentes grupos sociais; e de outro, sobre a intersubjetividade, motor da contínua alteração de fronteiras identitárias e da própria formação de subjetividades, que deixam de ser entendidas como estáveis e passam a ser percebidas como processos em andamento. Nesse sentido, teóricos e pensadores da cultura deveriam se empenhar em microanálises, atuando sobre uma episteme percebida como mais e mais movediça, mas não dicotômica.

⁴ Para os conceitos de "identificações", ver MAFFESOLI, Michel. (1997). *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina (especialmente p. 126). Para os conceitos de "individualidade", "singularidade" e "subjetivação", ver GUATARI, Félix e ROLNIK, Suely (1986) *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.

Assim, nossas elaborações teóricas deveriam se concentrar na percepção dos *processos de interação entre sujeitos*, e não apenas em um momento pontual da trajetória de indivíduos. Sem nos limitarmos à fotografia, tentaríamos incorporar às nossas teorias a imagem em movimento. Mas para que isso ocorra, é preciso mudar os pressupostos que constroem nossas elaborações teóricas, substituindo os modelos dicotômicos por modelos sistêmicos, sincrônicos e diacrônicos, prontos a lidar com a mobilidade e a complexidade, empenhados em elaborar conceitos promotores de articulação entre opostos. Não se trata de um "novo" gênero proposto para contornar a dificuldade de delimitação das fronteiras entre o relato, o testemunho, a autobiografia, o ensaio auto-reflexivo e a etnografia.

A elaboração alternativa de estratégias de leitura e da própria produção de conhecimento parte do pressuposto de que, em suas atividades de pesquisadores da cultura, críticos e teóricos literários estão subsumindo políticas de leitura a partir das quais produzirão textos e conhecimento. Para tal, pesquisadores culturais devem manter, tanto quanto possível, uma postura auto-reflexiva (autoetnográfica),⁵ atenta à construção intersubjetiva de sua própria subjetividade, circunstanciada por trajetórias intelectuais e pessoais singulares, através de sua inserção em diferentes grupos socioculturais, do imbricamento de curiosidades teóricas e escolhas racionais, afetivas e até mesmo casuais e contingenciais,⁶ elementos esses presentes na construção de seus objetos de estudo. Ultrapassar nossa condição de sujeitos complexos, reconhecer as possibilidades constantes de criar diferentes vínculos de identificação através da ênfase na compreensão da construção da subjetividade e do próprio conhecimento como processos relacionais, intersubjetivos e dinâmicos, pode ter valor de ação política. Pois se os pesquisadores da cultura perderam sua "autoridade" na descrição dos outros, adquiriram hoje, acredito eu, o papel social de contribuir para a produção de saberes plurais, na construção de uma episteme de negociação de diferentes visões de mundo. Isso sem dúvida exige disposição para substituir construções teóricas dicotômicas e excludentes por construções teóricas mais complexas, que não repitam os processos mentais que construíram as antigas hegemonias.

⁵ Em minha tese desenvolvo uma reflexão sobre a *autoetnografia* como método.
⁶ Exemplo disso é a contingência de ter mantido em um mesmo semestre, janeiro-agosto de 1999, diálogos com os três professores a quem dedico este ensaio, que deveria ser lido como resultado parcial do "processo dialógico" que com eles estabeleci desde então em torno de suas respectivas pesquisas.

Referências bibliográficas

- BACKHTINE, Mikhail. Le roman polyphonique de Dostoïevski et son analyse dans la critique littéraire. In: ———. *La poétique de Dostoïevski*. Paris: Seuil, 1970.
- . Biografia e autobiografia antigas. In: ———. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: UNESP, 1993.
- . O plurilingüismo no romance. In: ———. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: UNESP, 1993.
- . O discurso de outrem. In: ———. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1981.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Estrangeiras imagens. In: KOLTAL, Caterina (org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 1998.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A experiência etnográfica. A antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- ; MARCUS, George E. *Writing culture. The poetics and politics of ethnography*. Berkeley, Los Angeles, London: University of Califórnia Press, 1986.
- MARCUS, George E.; CUSHMAN, Dick E. Las etnografías como textos. In: GEERTZ, C. et al. *El surgimiento de la antropologia posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 1996.
- MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana. *Esta puente, mi espalda. Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. San Francisco: ISM Press, 1988.
- SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura. Observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger (org.). *Histórias de literatura*. São Paulo: Ática, 1996.
- WATSON, Julia. Toward an anti-metaphysics of autobiography. In: FOLKENFLIK, Robert (ed.). *The culture of autobiography. Constructions of self-representation*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1993.]